

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) GILBERTO GERVILHA MORAM

CHAVE PARA O SUCESSO:
Inteligência e Força no Ciclo de Decisão

Rio de Janeiro

2020

CC (FN) GILBERTO GERVILHA MORAM

CHAVE PARA O SUCESSO:
Inteligência e Força no Ciclo de Decisão

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval,
como requisito parcial para conclusão do Curso de
Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (Refº) Luiz Carlos de Carvalho
Roth

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2020

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço pela condução da minha vida e presença constante.

Ao meu eterno e querido irmão, CT Moram, agradeço pelo exemplo de amor ao Brasil e pelas orientações que sempre motivaram o meu ser. Por onde andar, estaremos sempre juntos.

Aos meus pais, Eduardo e Cleide, agradeço pela minha vida, pelo cuidado, pelas renúncias e dedicação para me proporcionar sempre o melhor. Sem este apoio incondicional, eu não chegaria até aqui. Amo vocês.

À minha madrinha Zenaide registro meu reconhecimento pelo árduo envolvimento na minha trajetória, somado a um carinho e um amor imensurável.

À minha amada esposa Camila e filhos Marina e Guilherme, manifesto publicamente o reconhecimento por todo suporte dispensado à manutenção da minha firme vocação na defesa da Pátria e por compartilhar nossas vidas com muito amor.

Ao CMG (Ref^o) Luiz Carlos de Carvalho Roth agradeço pela atenção, paciência e apoio constante na orientação deste trabalho.

Aos irmãos que fiz durante a carreira, agradeço pelos ensinamentos que forjaram minha personalidade. Sou grato a toda equipe do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais HAITI - 20^o Contingente, pois no Comando do Componente de Apoio de Serviço ao Combate, pudemos juntos contribuir para apaziguar a situação conflituosa do ano de 2014. Parcela da minha motivação vem da certeza que trabalhando em equipe podemos fazer a diferença na defesa de nossa amada Pátria.

RESUMO

A utilização da inteligência e da força são essenciais para acelerar o ciclo decisório. A análise dos conflitos históricos, realizados por John Keegan (1934-2012), demonstrou que nem sempre quem desenvolve as atividades de inteligência da melhor forma, contudo de maneira isolada, vence as batalhas. Há a necessidade de possuir uma força preparada e motivada para utilizar os conhecimentos da inteligência e realizar as ações no local e momento certo. A capacidade de unir os dois elementos para subsidiar o Ciclo de Decisão, modelo teórico de John Boyd (1927-1997), aumenta o ritmo de combate e acelera os ciclos em relação ao oponente. Tal sistema foi comparado com as operações desenvolvidas durante a Guerra das Malvinas (1982) pela Argentina e pelo Reino Unido (UK). O confronto teórico-realidade concluiu que não ocorreu aderência ao sistema desenvolvido por parte do primeiro ator e ocorreu a aderência pelo segundo, o que pode justificar a causa de seu sucesso. As conclusões demonstraram que o Ciclo de Produção de Inteligência produziu informação para alimentar a fase da Observação do Ciclo de Decisão, o que permitiu decisões mais conectadas com a realidade dos fatos. O Ciclo de Produção da Força rodou desde o tempo de paz, assim como os demais, contudo de maneira independente para produzir força adequada e motivada, pronta para ser empregada. A engrenagem de Ciclo de Produção de Força foi acoplada ao Ciclo de Decisão (fase da ação) quando o Comandante decidiu agir por meio da força, procurando explorar os seus Fatores de Força e os Fatores de Fraqueza do inimigo. Por fim, o trabalho destaca a importância de não se apoiar em apenas uma atividade e sim utilizar o Ciclo de Produção de Inteligência e o Ciclo de Produção da Força como ferramentas fundamentais para acelerar o Ciclo de Decisão e aumentar a probabilidade de vitória.

Palavras-chave: Inteligência. Força. John Boyd. John Keegan. Malvinas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1ªGM – Primeira Guerra Mundial
- 2ªGM – Segunda Guerra Mundial
- CFN – Corpo de Fuzileiros Navais
- EUA – Estados Unidos da América
- HE – Hipótese de Emprego
- MB – Marinha do Brasil
- ONU – Organização das Nações Unidas
- SMI – Situação Militar do Inimigo
- UK – *United Kingdom* – Reino Unido
- VANT – Veículo Aéreo Não Tripulado

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sistema Inteligência e Força.....	47
Figura 2 – Correlação entre os processos de produção de conhecimento.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OS ASPECTOS RELEVANTES DE JOHN KEEGAN E A TEORIA DO CICLO DE DECISÃO DE BOYD	9
2.1	OS ASPECTOS RELEVANTES DA TEORIA DE JOHN KEEGAN	10
2.1.1	John Keegan e o Ciclo de Produção da Inteligência.....	11
2.1.2	John Keegan e o Ciclo da Força	13
2.2	O CICLO DE DECISÃO DE BOYD	15
2.3	A INTERAÇÃO DO CICLO DE PRODUÇÃO DE INTELIGÊNCIA E O CICLO DE DECISÃO DE BOYD	18
2.4	A INTERAÇÃO DO CICLO DE DECISÃO DE BOYD E O CICLO DA FORÇA ...	21
2.5	CONCLUSÕES PARCIAIS	22
3	A INTELIGÊNCIA E A FORÇA UTILIZADAS PELOS ARGENTINOS, BRITÂNICOS E APOIADORES	24
3.1	ARGENTINA E SUA INTELIGÊNCIA	25
3.2	REINO UNIDO E SUA INTELIGÊNCIA	27
3.3	APOIO AO REINO UNIDO PRESTADO PELOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	31
3.4	APOIO AO REINO UNIDO PRESTADO PELO CHILE	32
3.5	CONCLUSÕES PARCIAIS	35
4	O CONFRONTO ENTRE O MODELO TEÓRICO E A INTELIGÊNCIA UTILIZADA NAS MALVINAS	36
4.1	O CONFRONTO ENTRE MODELO TEÓRICO E O CASO REAL DA ARGENTINA	36
4.2	O CONFRONTO ENTRE MODELO TEÓRICO E O CASO REAL DO REINO UNIDO	38
5	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICES	46

1 INTRODUÇÃO

Durante a leitura do livro “Inteligência na Guerra” de John Keegan (1934-2012) pudemos ter contato com a evolução da inteligência desde a época napoleônica (1799-1815) até os dias atuais. O autor demonstrou, em diversos casos concretos, como a inteligência atuou para assessorar da melhor maneira o processo de decisão.

No final do século XVIII, obter informação de qualidade era quase impossível. No mar os equipamentos se limitavam a navegação e as manobras dos navios. A distância máxima que se poderia reconhecer era o alcance da observação humana estendida apenas pelas lunetas. No ambiente terrestre, os cavaleiros proporcionavam o reconhecimento distante, contudo quando regressavam com os dados coletados estes já não estavam mais atualizados.

No século XIX, durante a Guerra de Secessão Americana (1861-1865), o Comandante da Brigada Stonewall, General Thomas Jackson, por conhecer detalhadamente o Vale Shenandoah (Virgínia) conseguiu confundir e desorientar constantemente os adversários (Exército da União). Mesmo tendo forças menores, conseguiu utilizar o terreno como uma vantagem e estar à frente do inimigo, o que o fez lograr diversas vitórias.

Posteriormente, durante a Primeira Guerra Mundial (1ªGM) (1914-1918) nas batalhas de Coronel e Malvinas, exploraram a então recente invenção do rádio. Esta ocasião pode ter sido a primeira vez que a inteligência foi utilizada em tempo real para identificação do inimigo através da transmissão radiofônica. Essa tecnologia alterou *modus operandi* do reconhecimento, alternando as curtas distâncias dos limites visuais para as escutas de longo alcance.

Durante a Batalha do Atlântico, na Segunda Guerra Mundial (2ªGM) (1939-1945), Keegan observa que, mesmo os Aliados tendo descoberto os códigos de transmissão do inimigo, os submarinos alemães (U-boats) deram muito trabalho. O grande diferencial para vencer a

batalha não foi a inteligência e sim a tenacidade dos marujos em persistir e se defender. Nesse caso, a inteligência ajudou, mas quem venceu a batalha foi a força militar com vontade de lutar.

Como resultado do que foi verificado, o presente trabalho foi buscar um modelo teórico consagrado e as conclusões relevantes de um historiador. O primeiro abordando o modelo do Ciclo de Decisão de Boyd. O segundo sobre os estágios da inteligência e a utilização da força. Eles foram apresentados em 2003 por John Keegan, editor de assuntos de defesa do *Daily Telegraph* de Londres, no livro *Intelligence in War*, em que descreveu os estágios da inteligência e sua importância, mas deixou claro que sem a força, a inteligência não consegue vencer as batalhas. O Ciclo de Decisão desenvolvido em 1970 por John Boyd (1927-1997), Coronel da Força Aérea dos EUA e piloto de combate, teve como base suas análises sobre os combates aéreos durante a Guerra da Coreia (1950-1953).

Dessa maneira, o propósito deste trabalho é responder ao seguinte questionamento: como os aspectos relevantes de Keegan e a Teoria de Boyd podem auxiliar na verificação do sucesso ou não da inteligência utilizada nas operações no conflito das Malvinas? A hipótese levantada é de que houve aderência a união dos modelos, o que poderia justificar a vitória do Reino Unido (UK) sobre os Argentinos na Guerra das Malvinas.

Para atingir o propósito, o trabalho se desenvolve em cinco capítulos. Após esta introdução, serão apresentados, no segundo capítulo, os principais conceitos de John Keegan, bem como o modelo criado por John Boyd.

No capítulo seguinte, após comentar uma visão geral dos motivos que levaram a Guerra das Malvinas, serão apresentadas as atividades de inteligência realizadas pelos contendores e seus principais apoiadores no ano de 1982.

No quarto capítulo serão confrontadas as atividades de inteligência realizadas pelo UK e Argentina com os modelos teóricos estudados antes e durante a guerra.

Finalizando, no quinto capítulo, com conclusões e implicações para MB.

2 OS ASPECTOS RELEVANTES DE JOHN KEEGAN E A TEORIA DO CICLO DE DECISÃO DE BOYD

Neste capítulo, serão abordados alguns conceitos de inteligência, segundo o historiador John Keegan, professor de história militar na Real Academia Militar de Sandhurst e editor de assuntos de defesa do *Daily Telegraph* de Londres, e do Coronel John Boyd, piloto de combate da Força Aérea dos EUA. O primeiro autor expressou suas ideias através do livro *Intelligence in War* publicado em 2003 em Nova Iorque e posteriormente, lançado no Brasil, com o nome de *Inteligência na Guerra* em 2006. Já o segundo autor iniciou seus estudos na década de 70, analisando os combates entre diferentes tipos de aeronaves durante a Guerra da Coreia (1950-1953). Suas principais conclusões nunca foram publicadas pelo próprio autor e sim transmitidas por meio de palestras e promissores debates. Contudo em 1985, William S. Lind, em seu livro *Maneuver Warfare Handbook*, concentra todos os conhecimentos estudados e publica de uma forma completa e didática os conceitos observados por Boyd, chamando-os de Guerra de Manobra. Cabe destacar que nesta dissertação não teremos a pretensão de dissecar todos os conceitos desta teoria e sim focar em um dos itens que compõem a Guerra de Manobra que é o Ciclo de Decisão de Boyd ou Ciclo OODA (Observação, Orientação, Decisão e Ação). Tal ótica visa demonstrar os relacionamentos do ciclo citado com os ensinamentos de John Keegan, bem como a importância de realizar o Ciclo OODA de maneira eficaz e eficiente.

No seu livro, Keegan abre o trabalho apresentando os estágios básicos da inteligência para que a informação produzida seja útil durante os conflitos e faz uma análise histórica com foco na inteligência desde Napoleão à Al-Qaeda. Verifica na prática a importância de se conhecer o inimigo, mas destaca que não basta ter informações do inimigo para garantir a vitória. O mais importante é associar a utilização da inteligência com o emprego de uma força

militar motivada. A primeira para aperfeiçoar o processo de decisão e a segunda para trazer uma vantagem real.

Na teoria de Boyd, o destaque é a importância de conseguir rodar o Ciclo OODA em uma velocidade maior do que o ciclo de seu inimigo, causando assim desestabilização, desorientação e a perda da vontade de lutar. O Ciclo de Boyd será estudado sob a ótica da inteligência para verificar como esta pode viabilizar e agilizar o ciclo de decisão e contribuir para reduzir a velocidade dos ciclos de decisão do inimigo. O relacionamento e a integração do Ciclo de Produção de Inteligência e do emprego da força militar (vontade de lutar) com o Ciclo OODA conduzirão a uma compreensão mais profunda de como a inteligência pode contribuir para alcançar a vitória.

A análise dos aspectos relevantes de Keegan com o modelo teórico, sob o foco da inteligência, permitirá, em momento futuro do trabalho, comparar os aspectos teóricos iluminados com as ações realizadas pelos argentinos e britânicos durante a Guerra das Malvinas, por ocasião da disputa pela posse dos arquipélagos localizados a 480 Km da costa argentino, em 2 de abril de 1982. É importante destacar que a publicação de ambos conceitos se sucedem ao objeto em estudo e não poderiam ter sido usados pelos países em conflito. Do mesmo modo, o uso de teorias posteriores não impede o estudo do caso concreto em questão, até porque as teorias são fruto de estudos e observações de conflitos ou experiências passadas.

2.1 OS ASPECTOS RELEVANTES DA TEORIA DE JOHN KEEGAN

Em seu livro, John Keegan, realizou uma análise do conhecimento do inimigo em diversas guerras, de Napoleão à Al-Qaeda, com o foco na evolução da inteligência.

Inicialmente os reconhecimentos do terreno e do inimigo, através de grandes expedições a cavalo, duravam meses e quando a informação chegava ao usuário já não estava atualizado. Posteriormente, o Balão de Observação Aérea foi o instrumento que permitiu ao

observador aéreo reconhecer até o limite da capacidade ótica humana, o que proporcionou um avanço no alerta antecipado, permitindo conhecer a via de acesso que o inimigo ia atacar. Na 2ªGM, a utilização da aviação foi o grande avanço na atividade de reconhecimento. Permitiu sobrevoar longas distâncias e entregar ao utilizador os dados coletados em um curto período de tempo. Após a globalização, os recursos tecnológicos passaram a ter destaque na obtenção de dados do inimigo e da Área de Operações, tais como: sensores operados remotamente, veículos aéreos não tripulados (VANT), fontes abertas, internet, inteligência de imagens com fotografias aéreas e via satélite, inteligência de sinais e sistema de comunicação, incluindo o espaço cibernético. O autor finalizou o estudo histórico dizendo que, depois da 2ªGM, a inteligência identificou o terrorismo como a principal ameaça (KEEGAN,2006).

Finalizando, Keegan (2006) diz que a inteligência não é o fator decisivo para um desfecho favorável e sim associado a uma força militar motivada e pronta para ser empregada.

2.1.1 John Keegan e o Ciclo de Produção da Inteligência

Keegan observa que a inteligência somente tem utilidade quando cumpre cinco estágios fundamentais: aquisição, entrega, aceitação, interpretação e implementação. A aquisição visa verificar as necessidades de inteligência, buscar e encontrar o conhecimento. A entrega tem por objetivo fornecer os dados obtidos pelos agentes à seção de inteligência. Tais dados devem ser transmitidos, se possível, em tempo real, pois a informação é perecível e pode ficar obsoleta (princípio da oportunidade). A aceitação visa verificar a veracidade dos dados e está relacionada com a credibilidade das informações. A interpretação tem um papel relevante e deve ser muito bem planejada, pois neste estágio ocorre a reunião dos dados para realização de uma análise criteriosa. No último estágio, implementação, o assessor deverá estar convencido do estudo realizado e em condições de disseminá-lo aos usuários das informações.

Esse procedimento visa minimizar a nevoa do combate e assessorar os responsáveis na fundamentação das decisões e futuras ações. (KEEGAN, 2006).

No Manual *Joint Intelligence 2-0* (JP 2-0), são abordadas as atividades do processo de produção de inteligência com o foco na missão: planejamento e direção, coleta, processamento e exploração, análise e produção, e divulgação e integração. O planejamento e direção tem como tarefa relacionar as necessidades de inteligência e planejar quem e como será realizado as buscas. Na coleta, os agentes selecionados vão executar a busca dos dados solicitados. No processamento e análise, os dados coletados serão organizados em formulários em ordem cronológica de modo a facilitar os analistas. Na análise e produção, todas as informações processadas são integradas, avaliadas, analisadas e interpretadas para gerar produtos que visam satisfazer as necessidades dos tomadores de decisões. A última atividade, divulgação e integração, visa fornecer todo conhecimento produzido ao usuário final por meio de diversos canais de disseminação. Todo esse processo tem por objetivo fornecer conhecimento útil aos planejadores e ao comandante para subsidiar a melhor tomada de decisão (EUA, 2013).

O mesmo processo pode ser identificado no Manual de Doutrina de Operações Conjuntas (MD30-M-01, Vol. III). Observamos nessa publicação que as atividades para atender os conhecimentos necessários durante as fases de planejamento e execução das operações estão divididas em quatro fases: direção, reunião, produção e disseminação. Na primeira são estipuladas as necessidades e realizados os planos de busca desse conhecimento. Na reunião, os dados serão transmitidos e reunidos para um processamento concentrado. Na produção, os dados processados são analisados e integrados, produzindo conclusões para servir de base para a produção de conhecimento. Na disseminação, o conhecimento será apresentado para o usuário final em todos os níveis da operação, seja durante o planejamento ou durante a execução (BRASIL, 2011).

Em que pese o processo de produção de conhecimento citado acima ter quatro fases e o de John Keegan e o Manual de Inteligência estadunidense terem cinco, podemos concluir que todos os autores convergem sobre a necessidade de realização de um procedimento para produzir conhecimento. De uma maneira geral, as fases visam levantar as necessidades, planejar e buscar o que se precisa, organizar os dados coletados verificando a credibilidade, analisar o material processado e principalmente assessorar, com informações oportunas, os planejadores e o comandante durante o processo decisório (ver FIG.2).

2.1.2 John Keegan e o Ciclo da Força

O primeiro destaque da inteligência foi na arte de conhecer detalhadamente as características da Área de Operações. A observação do autor foi resultado da análise da Guerra de Secessão Americana. Ele verificou que quem combatia em terrenos conhecidos conseguia decidir e agir de maneira mais rápida e clara, impondo ao inimigo as vontades de sua força (KEEGAN, 2006).

Embora Keegan (2006) destaque a importância da inteligência, afirma também que ela é apenas um fator entre outros que devem ser considerados para a obtenção do sucesso. Ele explica que o conhecimento prévio do inimigo não garante o desfecho favorável, visto que os dados chegam de maneira filtrada necessitando ter analistas experientes para tirar conclusões adequadas e ter força motivada para atingir o inimigo.

O autor conclui que quem desenvolve o melhor Ciclo de Produção de Inteligência não necessariamente garante a vitória. O estudo de casos históricos demonstrou que a condição de conhecer o inimigo, por si só, não é um fator determinante. Ele destaca que a inteligência somente terá valor se atrelado a existência de uma força militar motivada. A inteligência é um fator importante de assessoramento no processo decisório, mas que somente poderá gerar bons frutos se associada ao emprego da força (KEEGAN, 2006).

Vimos que é fundamental realizar o Ciclo de Produção de Inteligência, apontado por Keegan e contido nos manuais estadunidense e brasileiro, pois irá gerar bons assessoramentos e auxiliará a tomada de decisão. Contudo, Keegan afirma que a inteligência, sozinha, não garante a vitória. Ela é uma atividade cujo produto alimentará o Ciclo de Decisão na fase de observação (ver FIG.1). Keegan observou que a inteligência é parte de um todo, uma ferramenta para subsidiar o processo decisório, entretanto somente ela é insuficiente para a vitória.

Keegan verificou, por meio de casos históricos, que a força com vontade de lutar é essencial para o sucesso. Dessa maneira observamos a necessidade da existência de um terceiro ciclo para fornecer o elemento força com moral elevado ao processo decisório.

O ciclo deverá possuir uma fase de preparo da força, o que irá produzir capacitação para enfrentar o inimigo específico. Em uma segunda fase, deverá ocorrer adestramentos, ensaios, posicionamento e preparações finais fornecendo confiança e moral elevado à força. Na última fase, a força será empregada para realizar a ação indicada pelos decisores. A força deverá ser concebida e preparada em tempo de paz ou movimentada em tempo de guerra para ser aplicada em um determinado local e tempo correto, sempre explorando seus fatores de força e os fatores de fraqueza do inimigo.

Finalizando, Keegan contribuiu para verificar, historicamente, que apenas utilizando a inteligência não se garante o sucesso desejado. Há necessidade de uma força preparada para ser empregada quando e onde o processo decisório determinar. Dessa maneira, os conhecimentos gerados pela inteligência irão alimentar o Ciclo Decisório e este, decidindo pelo emprego da força, deverá empregar força preparada e motivada no local e tempo que for mais conveniente. Tal sistema deve juntar a inteligência e a força por meio do Ciclo de Decisão, aumentando a probabilidade de sucesso.

2.2 O CICLO DE DECISÃO DE BOYD

Na Guerra da Coreia, o Coronel John Boyd identificou uma superioridade nas características operacionais das aeronaves norte-coreanas (MIG-15) em comparação aos aviões utilizados pelos estadunidenses (F-86). Quase todas as características operacionais no MIG-15 eram superiores, apenas duas favoreciam ao F-86. A primeira era a cabine de pilotagem com maior ângulo de visão em relação ao do inimigo e a segunda se destacava por possuir maior capacidade de manobra. Apesar das vantagens do MIG-15 serem maiores, o resultado do conflito foi surpreendente. O número¹ de aeronaves norte-coreanas abatidas foi substancialmente maior que as aeronaves do adversário. Tal fato chamou a atenção de Boyd, o qual passou a fazer testes simulados para identificar as causas de as aeronaves inferiores terem sucesso sobre as superiores (LIND, 1985).

O autor da pesquisa identificou que os pilotos estadunidenses, ao longo do conflito, conseguiram aprimorar o modo de aproximação e adotaram procedimentos cíclicos. Dessa maneira, procuraram explorar as duas características superiores do F-86 para garantir uma superioridade situacional. Eles perceberam que, ao abordarem o inimigo por um determinado setor, os pilotos norte-coreanos demoravam a identificar suas presenças. Tal fato trazia por alguns instantes a vantagem de observar sem ser observado. A vantagem inicial de observação, os possibilitou orientar e decidir pela melhor maneira de ataque. A cada manobra concluída, os pilotos voltavam à posição inicial para realizar uma nova manobra. Esse procedimento era realizado cada vez mais rápido gerando confusão. O inimigo não conseguia entender o que estava acontecendo e ficava fragilizado moralmente. Nesse caso, com pouca probabilidade de vitória, perdiam a vontade de lutar (LIND, 1985).

¹ A cada aeronave estadunidense derrubada, dez aeronaves norte-coreanas eram abatidas (LIND, 1985, p. 4).

Boyd nunca chegou a escrever um livro sobre suas descobertas, contudo realizou uma série de palestras que divulgaram suas ideias. Em uma de suas palestras, *Patterns of Conflict* (1986), o autor nomeou a metodologia utilizada pelos pilotos como sendo Ciclo de Decisão de Boyd ou OODA: Observação, Orientação, Decisão e Ação. Também verificou que os conceitos utilizados no combate aéreo poderiam ser transportados para o ambiente operacional terrestre. Dessa maneira Boyd explica como as forças mais fracas, em termos de poder de combate, conseguem derrotar as forças mais forte.

Os estudos decorreram de um experimento simulado, através de observação de um caso real, onde o mais fraco consegue vencer o mais forte. A metodologia desenvolvida por Boyd não traz em si a garantia de sucesso. A formação do pessoal e a aquisição de meios adequados antecipadamente ao conflito é fundamental para conseguir desenvolver a metodologia. No Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), a Guerra de Manobra é discutida há longo tempo, contudo, em 2003 o conceito ficou registrado no Manual de Organização e Emprego do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (CGCFN-1000). Desde então, a Guerra de Manobra, da qual um dos itens é o Ciclo de Decisão de Boyd, passou a ser um eixo estruturante do CFN. Este fato corrobora com a tese da necessidade de preparo antecipado para empregar a metodologia.

Observamos que não basta conhecer o método identificado por Boyd. Envolve a cultura de uma unidade desde a sua concepção. A aquisição de meios e a formação do pessoal é extremamente importante para garantir uma força preparada e com o moral elevado. Sem uma inteligência ativa, com meios adequados e pessoal habilitado não haverá fluidez nas etapas do Ciclo de Decisão. Consequentemente, não terá condições de rodar os ciclos com maior velocidade que o inimigo.

O Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais (CGCFN 0-1) ressalta que o Ciclo de Decisão é a base teórica da Guerra de Manobra, dividindo o assunto em quatro etapas. A

primeira, observação, significa ter a capacidade de perceber as condições iniciais e diante a qualquer modificação ser capaz de identificar para estar atualizado com a realidade. A orientação é a segunda etapa do processo, em que o ser humano processa os fatos observados e forma em sua mente um quadro geral da nova situação. A terceira etapa, decisão, é a formulação de como agir diante dos fatos e quadro apresentados. A última etapa, ação, são as atividades a serem desenvolvidas para atingir os objetivos da decisão tomada. Uma das possibilidades é o emprego da força. Encerrando o ciclo, o efeito desejado da última ação deve gerar resultados. Estes necessitam de observação para compreender a nova realidade e iniciar um novo ciclo (BRASIL, 2013).

Ambos os lados dos contendores giram seus ciclos de maneira independente e de modo a serem mais rápidos que seus oponentes. O objetivo é realizar a ação antes do inimigo, pegar o adversário de surpresa e quebrar o desenvolvimento de seu ciclo, o obrigando a reiniciar seu processo mesmo antes de ter realizado a ação. Quem conseguir ser mais rápido e fazer isso de maneira sucessiva vai ter a vantagem de impor sua vontade e irá levar o inimigo a desorientação, que pode contribuir para a perda da vontade de lutar.

Podemos perceber que, assim como os pilotos estadunidenses, devemos preparar e desenvolver nossas próprias forças e explorar a inteligência nas operações para conhecer o inimigo. Devemos estudar as vantagens e desvantagens do inimigo para explorar as vulnerabilidades (brechas²) e evitar os pontos fortes (superfícies³). É primordial conhecermos nossos fatores de força e de fraqueza para bem empregar o primeiro e proteger o segundo. Tal observação somente será entendida após a comparação dos poderes combatentes⁴. A informação produzida pela inteligência viabilizará a adequação da própria força.

² As brechas são comparadas aos fatores de fraqueza do inimigo (BRASIL, 2013).

³ As superfícies assemelham-se aos fatores de força do inimigo (BRASIL, 2013).

⁴ A comparação dos poderes combatentes é “o estudo que visa obter através de uma avaliação quantitativa dos meios para oposição à força inimiga estabelecendo conclusões sobre a própria força.” (BRASIL, 2006).

As etapas citadas por John Boyd são as bases de um caminho a ser seguido, contudo, temos que verificar quais ações devem ser implementadas para desenvolver a observação, orientação, decisão e ação.

2.3 A INTERAÇÃO DO CICLO DE PRODUÇÃO DE INTELIGÊNCIA E O CICLO DE DECISÃO DE BOYD

No Manual de Operações Conjuntas (MD30-M-01, Vol. III), encontramos o propósito da inteligência como sendo o assessoramento do processo decisório de autoridades militares durante o planejamento ou execução de operações. Ela visa fornecer conhecimentos necessários conforme os interesses em todos os níveis operacionais (BRASIL, 2011).

No Glossário das Forças Armadas (MD35-G-01), a inteligência militar foi definida como sendo uma atividade especializada de modo permanente. Visa produzir conhecimento para subsidiar o planejamento, o processo decisório em todos os níveis e seus Estados-Maiores para sustentar as operações militares (BRASIL, 2015).

Verificamos que os manuais abordam a existência de uma atividade a ser desenvolvida para produzir conhecimento necessário. O objetivo é assessorar o processo decisório durante as fases de planejamento e execução das operações. Ou seja, deixa claro que há a necessidade de uma atividade que irá produzir o conhecimento por meio de um ciclo de produção e seu produto alimentará o Ciclo de Decisão de Boyd.

Como vimos no item anterior, o Ciclo de Produção de Inteligência possui as seguintes fases: Direção, Reunião, Produção e Disseminação. A 1ª fase identifica quem é o decisor, quais são suas necessidades de conhecimento e como serão realizadas as buscas e prazo de entrega; na 2ª fase ocorre a busca dos dados, que reunidos, vão permitir ao analista aplicar uma metodologia específica para depurá-los e transformá-los em informações (3ª fase); e por

último a 4ª fase chamada disseminação, em que ocorre a difusão das informações para o decisor e todos os setores que tenham necessidade de conhecimentos.

Já o Ciclo de Decisão formulado por John Boyd, que consta do Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais, estabelece quatro fases: observação, orientação, decisão e ação (BRASIL, 2013).

Para conseguirmos uma boa observação da realidade, temos que conhecer o inimigo e as características da Área de Operações com o máximo de brevidade possível. As Forças Armadas devem iniciar as buscas de dados desde o tempo de paz, proporcionando criar um banco detalhado para cada Hipótese de Emprego⁵ (HE). Quanto maior for a eficácia da Inteligência Operacional⁶, menor será a necessidade de busca durante a fase de planejamento e emprego das forças. À medida que os planejadores possuem as informações necessárias, diminuirá a necessidade de busca e aumentará a velocidade e a qualidade do planejamento, permitindo decisões acertadas e viabilizando a adequação da força.

No nível tático esse raciocínio também é verdadeiro. Durante as operações o Estado-Maior pode se valer das informações produzidas pela Inteligência Operacional, pois muitas são de caráter fixo e ficam disponíveis a todo instante, o que irá acelerar o processo de observação e orientação. Contudo, se as informações forem insuficientes, deverá utilizar o Ciclo Produção de Inteligência para atender à Inteligência Tática.

Na área de inteligência, os níveis operacional e tático são dependentes um do outro e se completam. À medida que a Inteligência Operacional produz um alto volume de informações, verificamos uma tendência de que durante o planejamento e execução das

⁵ HE é a “antevisão de possível emprego das Forças Armadas em determinada situação. Com base nelas, serão elaborados planos estratégicos e operacionais, visando possibilitar o contínuo aprestamento do Poder Militar, para emprego na defesa dos interesses nacionais.” (BRASIL, 2015).

⁶ A Inteligência Operacional é “atividade militar especializada, com base em processo mental, permanentemente exercida, com a finalidade de produzir e salvaguardar conhecimento requerido para planejar, conduzir e sustentar operações militares.” (BRASIL, 2015).

operações a necessidade de conhecimento seja menor. Dessa maneira, o ciclo OODA, no nível tático, tenderá a rodar mais rápido. O inverso é verdadeiro. Se não existir informações prévias, os elementos de busca ficarão sobrecarregados e pode ocorrer de não conseguirem atender a alta demanda em tempo oportuno. Assim, vai prejudicar a velocidade do Ciclo de Decisão.

Podemos comparar o Ciclo de Produção de Inteligência como uma engrenagem que estará rodando constantemente, desde o tempo de paz até a execução das operações, para alimentar uma segunda engrenagem, de tamanho maior, que representa o processo decisório. Para cada volta da engrenagem do Ciclo Decisório, são necessárias mais voltas no Ciclo de Produção de Inteligência até que o Comandante tenha informação suficiente para decidir adequadamente. As duas engrenagens estão permanentemente acopladas e realizam seu ponto de contato durante a fase de disseminação do Ciclo de Inteligência e durante a fase de observação do Ciclo OODA. Após a decisão e a ação sobre o inimigo, uma nova situação se apresenta, havendo a necessidade de recomeçar um novo ciclo (ver FIG.1). As informações existentes na Inteligência Operacional somadas às produzidas pela Inteligência Tática permitirão assessorar o processo decisório e entender a nova situação, acelerando a observação, orientação e permitindo uma nova decisão e ação.

É primordial rodar o ciclo mais rápido que o inimigo, pois a realização de ações antes do oponente irá interromper seu ciclo, o obrigando a reiniciar o processo sem ter desencadeado sua ação. Se em todos os ciclos um dos lados conseguir ser mais rápido, o adversário não chegará na fase de ação e sempre estará reagindo a ataques e a perdas de poder de combate até gerar uma confusão mental ou perder a vontade de lutar. Logo, o Ciclo de Produção de Inteligência é essencial para alimentar o Ciclo de Boyd, particularmente na fase de observação. Quanto mais eficiente for a inteligência mais rápido ocorrerá a primeira fase do Ciclo OODA.

2.4 A INTERAÇÃO DO CICLO DE DECISÃO DE BOYD E O CICLO DA FORÇA

Conhecer o inimigo e a área de operações sempre foi fundamental. Vivemos uma era de Veículos Aéreos Não Tripulados (VANT) de reconhecimento com sensores de transmissão em tempo real, com possibilidade de orientação e ataques de alvos com alta precisão. Os Satélites são elementos importantes, tanto para comunicação, quanto para reconhecimento. Fotografias aéreas podem indicar o posicionamento das tropas adversárias e mostrar seus deslocamentos em tempo real. A Guerra Cibernética é também uma ferramenta de busca de dados. Pessoas habilitadas são capazes de invadir sistemas para obter os conhecimentos que desejam (KEEGAN, 2006).

A dificuldade atual não é mais a ausência de dados e sim o seu excesso. Na Guerra do Golfo (1990-1991), os estadunidenses tinham toda tecnologia a seu favor, tendo diversos sensores que transmitiam dados em tempo real. Na fase de análise, não estavam preparados para tantos dados simultaneamente o que acarretou em atraso na disseminação da informação (KEEGAN, 2006).

Fruto da análise das guerras no período de Napoleão a Al-Qaeda, Keegan afirma que a inteligência é uma ferramenta de assessoramento ao processo decisório, contudo somente ela não garante a vitória. Mesmo conhecendo toda ordem de batalha do inimigo podemos fracassar. Em seus estudos históricos verificou que a atividade não é o elemento diferencial para vencer as batalhas e sim quando associado a força motivada. Ele exemplifica que a perseverança dos marinheiros que realizavam os comboios dos navios mercantes contra os submarinos alemães durante a Guerra do Atlântico (2ª GM) foram fundamentais para a vitória.

A inteligência sempre foi alvo de atenção e dedicação como algo muito relevante como vimos nos estudos de Keegan, contudo há necessidade de ter uma força disponível e motivada para agir sobre o inimigo.

Podemos comparar o Ciclo da Força, citado no item 2.1.2, a uma engrenagem. Esta deverá estar rodando de maneira independente das engrenagens do Ciclo de Inteligência e do Ciclo OODA, pois o comandante pode decidir e agir sem o uso da força. Contudo, se o decisor tiver a intenção de agir por meio do emprego da força, deverá ocorrer o acoplamento da engrenagem do Ciclo da Força com a engrenagem do Ciclo de Decisão nas fases do emprego da força e da ação, respectivamente. Cabe destacar que tanto no período de paz quanto em tempo de guerra, a engrenagem do ciclo da força deverá rodar permanentemente para fornecer força pronta e motivada para ser empregada pelo Ciclo de Decisório.

Keegan foi muito feliz em dizer que a inteligência é apenas uma parte de um grande sistema, contudo há necessidade de se ter uma força motivada para a realização dos confrontos diretos, o que realmente fará a diferença. De nada adiantaria ter todos os conhecimentos do inimigo se não tiver a força para aplicar e atingir os objetivos militares. A inteligência serve para produzir conhecimentos que serão necessários aos planejamentos e para tomar as decisões adequadas. A força deverá estar pronta para ser aplicada no local certo e hora determinada.

Sendo assim, a inteligência só terá relevância quando assessorar oportunamente o processo decisório, se este possuir uma força preparada, motivada e disponível para agir sobre o inimigo, impondo sua vontade. Quando estudamos o Ciclo de Decisão de Boyd, verificamos que o Ciclo de Inteligência produz informação para a fase de observação e o Ciclo da Força produz a força para ser empregada pelo decisor durante a fase da ação.

2.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

Neste capítulo, foram apresentados alguns dos principais conceitos de John Keegan e como ele se relaciona com o modelo teórico de John Boyd.

Verificamos que Keegan chegou à conclusão de que a inteligência, embora essencial, não constitui um caminho suficiente para chegar à vitória. Ela é apenas uma parte de

um sistema. A relevância para a vitória está na superioridade de poder de combate com uma força preparada, motivada e pronta para ser empregada.

Em seguida, descrevemos as constatações de Boyd. Ele identificou um modelo de atuação dos pilotos estadunidenses, em que, em menor tempo, eles exploravam a maior capacidade de observar e orientar, obtendo uma melhor percepção da realidade que o inimigo, o que os permitiu planejar e decidir explorando a superioridade relativa de suas aeronaves. Tal modelo ficou conhecido como Ciclo de Decisão de Boyd ou OODA. Quem tiver a capacidade de rodar os ciclos mais rápido que o inimigo, entenderá melhor as mudanças e tomará as melhores decisões para empregar a força.

Correlacionando as teorias, verificamos a necessidade de existirem duas engrenagens à disposição de uma engrenagem maior, que representa o Ciclo de Decisão. A primeira, acoplada constantemente, representa o Ciclo de Produção de Inteligência, que deverá produzir conhecimento necessário para que o Estado-Maior e o decisor consigam observar e decidir coerente com a realidade. A segunda engrenagem, que deverá rodar independentemente das demais e só ser acoplada ao Ciclo Decisório quando a ação for exercida por meio da força. Essa engrenagem disponibilizará para o Ciclo Decisório uma força preparada, motivada e disponível quando e onde o decisor desejar.

3 A INTELIGÊNCIA E A FORÇA UTILIZADAS PELOS ARGENTINOS, BRITÂNICOS E APOIADORES

A Guerra das Malvinas foi uma disputa entre a Argentina e o UK por um conjunto de ilhas localizado no Atlântico Sul a 480 Km do continente argentino. O conflito teve início em 02 de abril de 1982, quando as forças argentinas realizaram uma ofensiva e conquistaram a ilhas que pertenciam ao UK (1833-1982). No mesmo ano, o UK reconquistou o território e mantém sua posse até os dias atuais, mesmo com as constantes reivindicações argentinas.

A controvérsia sobre a posse das ilhas vem de longa data. Sua origem resulta da dificuldade de ter registrado quem foi o primeiro país a descobrir a existência do conjunto de arquipélagos. Os espanhóis alegam ter avistado o local em meados do século XVI durante uma expedição realizada por sua Marinha, contudo sem comprovações concretas. O UK afirma que o navegador Hohn Davis esteve presente nas ilhas em 1592 e os holandeses reivindicam serem os descobridores utilizando o navio Goleof em 1601 (MACEDO, 2018).

Após a independência da Argentina (1810-1819), seus colonizadores espanhóis se retiraram da América do Sul, ocorrendo a emancipação política da Argentina. Os argentinos passam a reivindicar a posse dos arquipélagos, assim como as terras localizadas no continente.

Aproveitando a situação, os britânicos desembarcam nas Malvinas em 1833 e declararam que, a partir daquele ano, as ilhas passariam a ser propriedade da Rainha Britânica, resultado do direito originário da descoberta pelo seu povo.

Após quase 150 anos de posse do UK, a Junta Militar Argentina (1976-1983) estava passando por diversas pressões populares devido ao mau desempenho econômico do país. Os líderes militares resolvem recuperar a posse das Malvinas com o intuito de reverter as manifestações populares que recrudesciam. O objetivo era unir o povo em torno de um novo objetivo, desviar a atenção dos péssimos resultados da economia e conquistar um território que

deveria ser seu desde a saída dos espanhóis. Acreditavam que seria uma tarefa fácil, pois o UK estava diminuindo seu poderio militar e não demonstrava muito interesse na região.

Neste capítulo identificaremos as atividades de inteligência desenvolvidas pelos contendores e suas forças. A análise visa buscar evidências necessárias para, no próximo capítulo, confrontar os aspectos teóricos observados com o caso concreto estudado, de modo a verificar se houve aderência e apontar outras conclusões pertinentes.

3.1 ARGENTINA E SUA INTELIGÊNCIA

A Argentina sempre buscou demonstrar sua insatisfação de não exercer a posse sobre o território insular, pois alegava fazer jus em decorrência de sucessão espanhola. Todavia, não buscou com afincos uma adequação de seus meios operativos e de possuir uma inteligência ativa. Tais ações, se realizadas, serviriam de base para um discurso diplomático mais agressivo, fato que não ocorreu. Apenas em 1982, quando a Junta Militar estava pressionada pela população, utilizou a conquista das Malvinas como artifício para unir o povo em torno de um objetivo comum.

O planejamento de retomada das ilhas foi iniciado em janeiro de 1982. Era a segunda HE em termos de probabilidade de ocorrência, ficando atrás de um possível conflito na fronteira com o Chile. O pouco tempo de preparação não possibilitou o estudo detalhado das possibilidades do inimigo⁷, das características da Área de Operações e da Comparação dos Poderes Combatentes. Apenas contavam com informações contidas em fontes abertas. O plano foi aprovado às pressas pela Junta Militar em 16 de março de 1982 e a maior preocupação era

⁷ Possibilidade do Inimigo é a “ação que o inimigo tem capacidade de adotar e que deve preencher dois requisitos: ser compatível com os meios de que ele dispõe e ser capaz de interferir ou afetar o cumprimento da missão do comandante.” (BRASIL,2015).

manter o Princípio da Surpresa⁸ em detrimento das buscas de conhecimentos necessários. Era um princípio de guerra extremamente importante a ser mantido, pois o inimigo mais forte poderia reforçar a posição e inviabilizar a conquista (LANDABURU, 1989).

Antes e durante o conflito, a Argentina não contou com muitos meios de busca para alimentar o Sistema Nacional de Inteligência e Militar. O Corpo Diplomático estava totalmente desinformado da situação, ficando todas as informações concentradas na Junta Militar. Como exemplo da falta de prioridade em Inteligência Operacional, podemos citar: o Exército Argentino não tinha Adido Militar em Londres e o Adido Aeronáutico esteve ausente nos 25 anos que antecederam ao conflito; as Forças Armadas não compartilharam suas informações sobre o inimigo, o que dificultou a operação conjunta; não existiu fluxo de informações entre as células de inteligência e de planejamento, as quais ficaram diretamente ligadas ao Presidente e os militares que cursaram na Grã-Bretanha não realizaram relatórios de fim de curso, o que não permitiu ter o conhecimento detalhado das forças armadas do inimigo. O resultado do descaso levou os argentinos a atuarem praticamente às cegas, não possuindo a Situação Militar do Inimigo (SMI) em terra, no mar e no ar (LANDABURU, 1989).

A inteligência argentina ficou limitada a poucos meios para acompanhar o inimigo. Podemos destacar: alguns radares de longo alcance que possibilitavam acionamento de suas aeronaves para mitigar a presença inimiga, exploração aérea na ilha era reduzida devido à baixa disponibilidade e alta vulnerabilidade em relação as aeronaves do inimigo, a Força Aérea Argentina e a Aviação Naval careciam de aeronaves de reconhecimento e por isso improvisavam com aviões 707 e C-130, poucas unidades de helicópteros para transporte de tropas e, devido ao alto custo e baixa disponibilidade de equipamento, as forças especializadas não eram suficientes para suprir a demanda de reconhecimento terrestre (NICOLAIDES, 1983).

⁸ O Princípio da Surpresa é o “princípio de guerra que consiste em golpear o inimigo onde, quando ou de forma tal que ele não esteja preparado. O Comandante que obtém o efeito da surpresa poderá alterar a seu favor, de forma decisiva, a correlação das forças em combate.” (BRASIL, 2015).

Analisando os três autores, verificamos que a Argentina não se preparou para um possível enfrentamento contra o UK. Após sua independência, os argentinos muito questionaram seus direitos na sucessão das ilhas, contudo não a consideraram como uma HE prioritária nem para a inteligência, nem para a utilização da força.

Ao descartar a possibilidade de emprego, os argentinos não desenvolveram a inteligência, a qual vimos que é a base para um planejamento adequado. A prioridade estava voltada para a fronteira com o Chile. A surpresa não permitiu o levantamento dos conhecimentos necessários. Quando iniciou o planejamento para a conquista das Malvinas, o tempo era insuficiente para a busca de informações.

Verificamos que a Argentina também não se preparou para um possível emprego militar para conquista das ilhas. A conjuntura conturbada do ambiente interno e a política de redução orçamentária em investimentos militares britânicos foram o estopim para a Junta Militar. Acreditaram que a conquista das Malvinas seria uma excelente oportunidade para unir povo em torno de um objetivo comum e ser a plataforma para se manter no poder.

Vimos que a prioridade argentina era com a fronteira chilena e todas os esforços estavam voltados para esse fim, negligenciando a busca de dados de um inimigo improvável e distante. No capítulo anterior, abordamos que a inteligência é a base para o planejamento detalhado e, portanto, as Forças Armadas Argentinas iniciaram com diversas lacunas. A Argentina se encontrava em inferioridade de meios para busca de informações, Inteligência Operacional, transmissões criptografadas, reconhecimentos aéreos e terrestres, não tinham a SMI e as características da Área de Operações.

3.2 REINO UNIDO E SUA INTELIGÊNCIA

A inteligência do UK pode ser dividida em dois momentos distintos. O primeiro em que ficou aquém de sua capacidade histórica e o segundo em que obteve sucesso.

Durante a Guerra Fria (1947-1991) a Grã-Bretanha e a Irlanda do Norte estavam focadas em estudar a maior ameaça do mundo. Os olhos estavam direcionados para a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Da mesma maneira que a Argentina tinha suas atenções voltadas para o Chile, o UK se dedicava em estudar detalhadamente as forças e os equipamentos soviéticos. O serviço de inteligência (setor América do Sul) apontou a necessidade de aumentar os investimentos para aprimorar as buscas e a obtenção de informações sobre as reais intenções argentinas. Contudo, nunca foi aprovado pelas autoridades competentes (FREEDMAN, 1990).

Essa ausência de informações marcou o primeiro momento vivido pela inteligência britânica. Poucas informações chegavam a Londres. Em 24 de março de 1982, agentes do Serviço Secreto inglês, presentes em Buenos Aires, informaram que tiveram início as manobras navais, fato que foi confirmado pela embaixada estadunidense. No dia 31 de março, chegaram indícios que sugeriam uma possível intenção dos argentinos invadirem as Malvinas e, no dia 1º de abril, a imprensa argentina noticiava o deslocamento de tropas para as Ilhas. No dia seguinte ocorreu a ordem para invasão, enquanto o governo britânico não conhecia a real situação. A Junta Militar decidiu pela invasão no dia 26 de março de 1982 e as informações demoraram a chegar, fato que demonstra a prevalência dos poderes políticos sobre os militares ao negar investimentos no sistema de inteligência local (FREEDMAN, 1990).

O UK não estava concentrado em obter informações atualizadas da região, muito menos tinham se preparado com meios para combater as forças argentinas, uma vez que estavam com a posse das ilhas desde 1883 e consideravam improvável qualquer tentativa de invasão. Sua localização afastada e a falta de bases de apoio próximo a região levaram a inteligência a verificar a necessidade de construir parcerias para viabilizar o conhecimento das reais intenções argentinas e principalmente conhecer o movimento das tropas (FREEDMAN, 1990).

Examinando os fatos relatados no Livro *La Inteligência Britânica de Malvinas*, de Freedman, verificamos de maneira semelhante ao outro contendor, que existia carência na atividade de inteligência, o que não permitiu conhecer os fatos com antecedência suficiente para ocorrer a quebra do princípio da surpresa. Não se sabia as reais intenções argentinas, muito menos as capacidades de suas forças. As bibliotecas públicas e os livros de guerra foram as fontes iniciais para planejamento. A grande diferença observada foi a capacidade diplomática de protestar junto aos órgãos internacionais, conseguir apoio relevantes de países como EUA, Chile e França e simultaneamente realizar uma grande mobilização de meios para formar uma força com o objetivo de reconquistar as ilhas.

Concluimos que a escassez da atuação da inteligência não permitiu prever o ataque, bem como conhecer as capacidades inimigas e um estudo detalhado das características da Área de Operações. Cabe destacar que o UK tinha posse das Ilhas, mas mesmo assim não realizou estudo detalhado de sua topografia. Para suprir essas deficiências, promoveu alianças com os principais fornecedores de armas argentinas (EUA e França) e construiu relações de troca sigilosas com o Chile, fornecendo armas com preços diferenciados em troca de informações privilegiadas. Dessa maneira, o UK conseguiu sair de uma paralisia inicial para um desenvolvimento de sua inteligência.

Com ajuda de alianças, que veremos a seguir, o UK começou a coletar dados para alimentar os planejamentos. A principal fonte de informação foram as escutas de transmissões cujas criptografias foram desvendadas. Todas mensagens argentinas eram interceptadas e decifradas. Outra fonte de informação valiosa foi a dos fabricantes franceses que anteriormente venderam aeronaves para os argentinos. Essa parceria possibilitou conhecer as capacidades e limitações das aeronaves Super-Etendards e Mirage (FREEDMAN, 1990).

Outro apoio relevante foi o estudo sobre a distribuição mundial do míssil Exocet realizado pelos franceses. O objetivo era estimar a quantidade que os argentinos possuíam e

principalmente realizar pressões para impedir novas aquisições. Foi uma operação notável no mundo e permitiu inviabilizar a compra de Exocet pela Argentina (FREEDMAN, 2005).

A partir da Ilha de Ascensão foi montado um sistema de reconhecimento aéreo inicialmente utilizando seis aeronaves tanque com câmeras adaptadas, contudo a autonomia era limitada. Foram incorporados ao sistema aeronaves de patrulha marítima Nimrods com capacidade de reabastecimento em voo para possibilitar o monitoramento da esquadra argentina (FREEDMAN, 1990).

O UK ainda contou com meios para guerra eletrônica, de comunicação, fotografias aéreas tiradas por aeronaves Black Bird estadunidenses e imagens satélites que possibilitou conhecer o dispositivo defensivo argentino. Mesmo diante desses recursos, continuou com carência do acompanhamento dinâmico das forças inimigas e reconhecimento das possíveis praias de desembarque, o que foi complementado com equipes terrestres composta por forças especiais, *Special Air Service* (SAS) e *Special Boat Service* (SBS). Essas equipes eram muito demandadas em termos de missões de reconhecimento, o que os sobrecarregavam em detrimento das missões de ataque (FREEDMAN, 1990).

Analisando os fatos, podemos verificar que as parcerias realizadas com outros países contribuíram para obter informações e reverter uma grande dificuldade inicial de falta de informações fruto da ineficiência da inteligência operacional. Em que pese o apoio recebido, foi necessário intensificar as buscas pelo conhecimento por meio da utilização das equipes SAS e SBS. Tal fato demonstra que quanto maior a escassez de informação proveniente da Inteligência Operacional maior será o esforço da Inteligência Tática, expondo o sigilo das operações.

Avaliamos que o UK teve uma paralisia inicial, fruto de outras prioridades, contudo seu sistema de alianças resultou em recebimento de conhecimento para clarear a observação do Ciclo de Decisão. Essas informações serviram para nortear as decisões dos planejamentos e

realização de ações para operacionalizar a mobilização com os meios adequados. Durante o planejamento, o Ciclo de Produção de Inteligência produziu informações e alimentou o Ciclo de Decisão, permitindo realizar ações concretas de planejamento e execução. Como por exemplo, o conhecimento das características das aeronaves francesas propiciou verificar a necessidade de ampliar os meios de defesa antiaéreo, fruto de possíveis ataques com os mísseis Exocet.

3.3 APOIO AO REINO UNIDO PRESTADO PELOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Os EUA desde o primeiro momento demonstraram apoio ao UK. Contudo, deixou claro que não participaria diretamente das ações. O Senador estadunidense John Tower, Presidente do Comitê de Serviços Armados do Senado, em reunião com representantes britânicos em 19 de abril, demonstrou seu apoio indagando qual ajuda era necessária (FREEDMAN, 2005).

O EUA forneceu suporte substancial ao UK, quais sejam: inteligência sobre os dispositivos, movimentações, pontos fortes e deficiências argentinas; reconhecimento radar; reabastecimento em voo; comunicações com equipamento de criptofonia e interceptação das transmissões argentinas; cobertura satélite e meteorológica; apoio logístico por meio do fornecimento de armas, equipamentos e materiais (FREEDMAN, 2005).

A Grã-Bretanha adquiriu cerca de U\$120 milhões em material dos EUA, os quais podemos destacar: 100 unidades de mísseis Siderwinder, 4700 m de esteira de aterrissagem para aeroporto de Stanley, motores de helicópteros, dispositivos de detecção para submarinos instalados nos helicópteros Sea King, acomodações temporárias em larga escala na Ilha de Ascensão, além de munição (FREEDMAN, 2005).

A Argentina solicitou aos EUA um reconhecimento fotográfico da Ilha das Malvinas no dia 22 de abril através das imagens do satélite LANDSAT. Tal solicitação não pôde

ser negada, pois a Argentina tinha um acordo com a *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) de fornecimento das imagens. Logo depois, voltou a pedir um reconhecimento para os dias 25 e 26 de abril no mar aberto a oeste das Ilhas. Contudo, os britânicos protestaram e os EUA utilizaram a desculpa de problemas técnicos para negar o fornecimento. Os argentinos voltaram a pedir e, os EUA, após verificar que as imagens não comprometiam o sigilo britânico, cumpriram a solicitação (FREEDMAN, 2005).

Verificamos que apesar de não ocorrer o apoio direto dos EUA, os envolvimento indiretos foram substanciais e indispensáveis. Grande parte das informações de inteligência tinha origem na parceria realizada desde o início do conflito. Essas informações supriram as deficiências iniciais de conhecimento e serviram de base para os planejamentos e adequação da força.

Além da ampliação da observação e orientação através da produção de informação, os estadunidenses contribuíram diretamente para aumentar o poder de combate dos britânicos. Os fornecimentos de equipamentos, motores, mísseis e munições foram primordiais para garantir as necessidades geradas pelas informações iniciais e contribuiu sobremaneira para elevar a força combatente, bem como a motivação da tropa (vontade) que John Keegan enfatizou em sua obra.

3.4 APOIO AO REINO UNIDO PRESTADO PELO CHILE

Desde o início do conflito o Chile se propôs a cooperar com o UK, contudo, diferentemente dos EUA, de forma não declarada, por se tratar de uma país neutro, possuir uma força militar menor e por estar em disputa territorial pela região de Beagle, inclusive com forças desdobradas nas fronteiras dos dois países. O principal motivo dessa aproximação refere-se as semelhanças no qual os dois países enfrentavam. Ambos tinham problemas de disputadas territoriais com a Argentina e concordavam que ela estava se comportando de modo inaceitável,

inclusive com a utilização de força no caso das Malvinas (FREEDMAN, 2005).

Obstáculos insuperáveis do UK, para a retomada das Malvinas, eram as distâncias envolvidas (logística) e a dificuldade de levantamento de informações. O Chile passou a ser um aliado promissor para a solução desses problemas. Sua localização geográfica favorável e interesses comuns permitiram a aproximação e entendimentos de apoio mútuo.

O Chile procurou apoiar na medida do possível, mas sempre de maneira secreta, pois tinha receio real de que a Argentina pudesse utilizar as forças desdobradas na fronteira para invadir seu território. Um grande apoio logístico inicial foi o aproveitamento da entrega do navio-tanque Royal Fleet Auxiliar Tidepool britânico, recém adquirido pelo Chile, para reabastecer de combustível toda a Força-Tarefa britânica antes da operação na Geórgia do Sul. Outro exemplo foi ignorar um pouso da aeronave transporte de tropa Sea King em 16 de maio em território chileno. Na ocasião, o objetivo foi infiltrar operações especiais britânicas pela fronteira da Argentina visando manter vigilância nas decolagens das aeronaves inimigas (HASTINGS, 1983).

Contudo, o maior apoio chileno foi na área de inteligência. O Chile precisava fortalecer seus meios militares, pois acreditavam que, em questão de semanas, a Argentina certamente ia invadir seu território. Logo, seria uma excelente oportunidade de compra de aeronaves e armas do UK em troca de apoio.

Em 16 de abril foram enviadas aeronaves de reconhecimento Canberra e de transporte Hércules por empréstimo para serem testados e posteriormente adquiridas pelos chilenos. Em contrapartida, detalhes dos movimentos da frota de superfície argentina seriam disponibilizados de maneira oportuna. Inicialmente, aeronaves Canberra passaram a operar a partir do território chileno (Base de Punta Arenas), com 18 oficiais pertencentes à Real Força Aérea (RAF) em missões de reconhecimento. Posteriormente, uma aeronave Nimrod utilizou como base o aeródromo de San Felix, o qual podia reabastecer no período noturno e operar fora

do alcance do radar argentino no período diurno, coletando relevantes dados. Foi criado um centro de comando subterrâneo em Punta Arenas, de onde os movimentos aéreos argentinos eram monitorados e enviados, por meio de comunicações via satélite, diretamente a Força Tarefa britânica. Esse relevante apoio permitiu à Esquadra tomar medidas antecipadas contra os ataques aéreos argentinos (FREEDMAN, 2005).

Em entrevista publicada em 2002 e posterior transcrição no livro *The Official History of the Falklands Campaign*, o General Fernando Matthei, Comandante da Força Aérea chilena fez o seguinte relato:

O General Fernando Matthei, Comandante Chefe da Força Aérea do Chile em 1982, descreveu como ele organizou com um agente-secreto a prestações de inteligência para a Grã-Bretanha em troca de equipamento militar, notáveis caças Hawker Hunter, um poderoso radar e aeronaves Canberra. Matthei lembrou que, depois da guerra, mantivemos os aviões, os radares e os mísseis. Eles receberam a tempo a informação, e todos ficamos felizes⁹ (FREEDMAN, 2005, p. 340, tradução nossa).

Analisando a distância de aproximadamente 12.800 km entre Londres e as Ilhas das Malvinas, verificamos a dificuldade e o desafio de realizar uma operação contra um país que está apenas a 480 km do local de conflito. As dificuldades de captar informações e superar os desafios da logística fizeram o UK procurar alianças.

O Chile, desde o primeiro momento, se destacou por causa da sua localização geográfica e necessidade de se fortalecer contra um inimigo em comum. Seu território seria a condição ideal para ampliar a rede de informações e receber apoio primordial de logística.

Apesar de velado, o apoio do Chile foi essencial. Os interesses de cada país fizeram firmar parcerias de apoio mútuo. Enquanto o UK minimizava suas dificuldades, o Chile fortalecia suas Forças Armadas, com aquisição de armas, contra um possível ataque argentino.

⁹ Original em inglês: “General Fernando Matthei, the Chilean Air Force Commander-in-Chief in 1982, described how he arranged with a ‘secret agent’ the provision of intelligence to Britain in exchange for military equipment, notably Hawker Hunter jet fighters, a powerful radar, and Canberra aircraft. Matthei recalled that after the war we kept the planes, the radar, the missiles. They received timely information, and we were all happy”.

3.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

Como vimos, muitas foram as maneiras de apoio. Inicialmente as informações recebidas alimentaram os planejamentos (observação e orientação), que apontaram deficiências quando comparado os poderes combatentes. Essas lacunas foram resolvidas com decisões acertadas, ações para mobilização e apoios de atores parceiros, quais sejam: logística, armamento, munição, reconhecimento, escuta, base de apoio e alerta aéreo antecipado.

Destacamos neste trabalho dois atores que mais contribuíram para a campanha do UK (EUA e Chile). Ambos se prontificaram em contribuir no início do conflito, contudo com posturas diferentes. Os EUA declararam o apoio desde que não tivesse envolvimento direto, enquanto o Chile apoio diretamente com operações de aeronaves em seu território, todavia, por ter um discurso neutro, deveria permanecer em modo secreto.

O apoio de ambos propiciou um incremento considerável principalmente na inteligência. As informações contribuíram para conhecer o inimigo, suas características e meios, acesso ao seu tráfego de mensagens, conhecimento de seus planos, vigilância sobre a Esquadra argentina e de suas aeronaves e reconhecimento via satélite. No viés logístico, ocorreu apoio de abastecimento de combustível, instalações que serviram de base para operações de reconhecimento aéreo e base logística, fornecimento de mísseis, munições, motores de aeronaves, instalações de moradia e comunicações seguras.

Além de contribuir para acelerar o ciclo OODA do UK, os países contribuíram para prejudicar o Ciclo de Decisão argentino. O fabricante não disponibilizou à Argentina ter acesso ao manual de como selecionar as ogivas dos mísseis para acionarem em curta distância e articulou para impor dificuldades na aquisição de novos armamentos, como o míssil Exocet.

4 O CONFRONTO ENTRE O MODELO TEÓRICO E A INTELIGÊNCIA UTILIZADA NAS MALVINAS

Será realizado, a seguir, o confronto entre teoria-realidade, de modo a concluir sobre a existência ou não de aderência entre o modelo e as ações na Guerra das Malvinas.

4.1 O CONFRONTO ENTRE MODELO TEÓRICO E O CASO REAL DA ARGENTINA

No livro *La Guerra das Malvinas - Conociendo Al Adversário*, o autor descreve que a Argentina não realizou o estudo militar do inimigo antes de iniciar a Operação Rosário. Possuía poucas informações, as quais eram de fontes abertas e mapas de guia turístico. Antes e durante o conflito, não tinham meios de busca. Não conseguiam completar o Ciclo de Produção de Inteligência para produzir informação oportuna (LANDABURU, 1989).

Como exemplo da falta do estudo sobre o inimigo podemos citar que os Argentinos imaginavam que a Operação Anfíbia, na modalidade de Assalto Anfíbio¹⁰, ocorreria próximo a Port Stanley, pois suspeitavam que os britânicos seguiriam a doutrina estadunidense. Os argentinos incorreram em grave erro, uma vez que realizaram uma análise sobre a intenção do inimigo, imaginando que o UK desembarcaria próximo ao Porto, e não sobre o que o inimigo era fisicamente capaz de fazer. Montaram uma defensiva ao redor de Porto e ficaram estáticos aguardando a iniciativa do inimigo.

Observamos que o Ciclo de Produção de Inteligência ficou seriamente comprometido. Não houve inteligência para fornecer informações oportunas e alimentar a fase inicial do ciclo OODA (observação). Dessa maneira, não conseguiram se preparar para o que o

¹⁰ Assalto Anfíbio é o “ataque lançado do mar para, mediante um desembarque, estabelecer uma força de desembarque em terra, sendo executado por meios de superfície ou aéreos e apoiado por meios navais ou aéreos.” (BRASIL,20015).

inimigo era fisicamente capaz de fazer. A falta de informação fez os argentinos tomarem decisões equivocadas e suas ações não estavam de acordo com a realidade. Aguardaram o inimigo de maneira estática, deixando-o ter a iniciativa das ações.

Outro exemplo, de não adesão das ações argentinas ao modelo do Sistema de Inteligência e Força, foi a dificuldade de realizar operações conjuntas. As forças singulares não tiveram êxito no compartilhamento de informações, alvos e principalmente na coordenação das ações. Como consequência, ocorreram falhas nas fases de observação e orientação, gerando decisões que não contribuíram decisivamente para solução do problema. Aeronaves argentinas decolavam do continente, realizavam a navegação aérea até as ilhas, e, ao se aproximar, atacavam as primeiras embarcações que apareciam pela frente, mesmo não sendo o alvo principal. A decisão isolada de uma força singular levou a realização de ações equivocadas e inviabilizou a potencialidade de abater alvos compensatórios do inimigo. Se os navios de transporte de tropa britânicos fossem abatidos, poderia ter inviabilizado o desembarque e dificultado a reconquista das Malvinas, aumentando o custo para o UK.

Vemos, então, que as falhas da inteligência, comprometendo o ciclo OODA, impediram a Decisão de posicionar adequadamente a Força, o que comprometeu, por sua vez, o seu acionamento no lugar certo e no momento adequado.

Contudo, em casos raros, o ciclo OODA argentino conseguiu rodar mais rápido que de seu oponente, comprovando que se a menor força, utilizar o modelo teórico sugerido, pode localmente causar sérios danos ao adversário.

No corpo de um piloto britânico da aeronave Harrier abatida foi encontrado, por um oficial de inteligência argentino, uma série de documentos que indicavam as posições atuais dos navios britânicos, até então ocultos pela imensidão do oceano (LANDABURU, 1989). Esses dados foram rapidamente transmitidos ao Estado-Maior e, somados com outros existentes, foram analisados. Tal procedimento produziu informações oportunas, que

propiciaram aos argentinos uma rápida observação, orientação e decisões acertadas. Nesse caso específico, agiram com rapidez explorando um fator de força argentino (ataque aéreo com míssil Exocet) e um fator de fraqueza do inimigo (defesa antiaérea) o que levou ao afundamento da fragata britânica Sheffield.

Examinando as evidências, verificamos a importância de rodar o ciclo OODA mais rápido que o adversário. A Argentina não conseguiu realizar essa dinâmica na maioria das vezes e contou com a sorte e com o erro do inimigo. Os motivos principais foram ausência de inteligência e a falta de uma força preparada e motivada superior à do inimigo.

Finalizamos destacando que o Presidente da Argentina em exercício, Leopoldo Fortunato Galtieri Castelli, decidiu utilizar o artifício da guerra para desviar a atenção da população e tentar evitar a queda de seu governo. Contudo, essa decisão levou a realização do planejamento às pressas, visto que não era uma HE. A premissa de tempo e a escassez de meios prejudicaram seriamente a obtenção de dados, comprometendo o planejamento e a execução da operação. Somente contavam com o fator sorte.

4.2 O CONFRONTO ENTRE MODELO TEÓRICO E O CASO REAL DO REINO UNIDO

O UK, após sair da 2ª GM e com a entrada na Guerra Fria (1947-1991), estava reduzindo os investimentos em meios militares e sua prioridade estava em fazer frente ao avanço do socialismo russo. Apesar de necessário, como apontou nossos estudos, a política não deu prioridade para a Inteligência Operacional voltado para América Latina. Dessa maneira, quando, em 02 de abril de 1982, a Argentina invadiu as Malvinas, foi uma grande surpresa.

Passada a estagnação inicial, o UK realizou alianças principalmente recebendo informações de inteligência, logística e na complementação de seu poder militar (força) para

mitigar suas deficiências. Vejamos alguns exemplos de como suas parcerias e ações influenciaram ou não o Ciclo OODA.

A parceria com a França possibilitou o UK ter acesso às características das aeronaves, uma vez que o país fabricou e vendeu para os argentinos. Essas informações foram de grande valia para identificar a capacidade de lançar mísseis ar-superfície Exocet e orientar como os pilotos britânicos deveriam agir para enfrentá-los. Tiveram a possibilidade de quantificar os mísseis argentinos e garantir o não recebimento de novas unidades.

No caso concreto, a informação alimentou a fase observação do ciclo OODA e permitiu o UK tomassem decisões oportunas e acertadas, bem como ações para se contrapor a essa ameaça. Inicialmente decidiram solicitar a França para que novas unidades de mísseis Exocet não chegassem às mãos de seus inimigos, o que ocorreu com sucesso (FREEDMAN, 2005). Identificaram a necessidade de melhorar o sistema de defesa antiaéreo, tomando as seguintes ações: ampliaram a quantidade de seis para doze lançadores de mísseis superfície-ar Rapiers; aumentaram o número de aeronaves para trinta e seis Harriers para realizar patrulha aérea de combate (PAC), o que foi fundamental para se contrapor aos ataques das aeronaves argentinas (destruíram 31 Skyhawks e 26 Mirages); adquiriram mais de cem unidades do míssil ar-ar Sidewinder dos EUA para armar suas aeronaves Harrier e infiltraram operações especiais no continente argentino e atribuíram tarefa aos submarinos, ambos, para vigiar as decolagens inimigas para propiciar alerta aéreo antecipado (LANDABURU, 1989). O piloto britânico Andy Auld relatou que, durante o combate aéreo, se sentiu como se estivesse nos treinamentos, com exceção do lançamento do míssil. Ele relatou que foi exatamente como a França os orientou e como foi treinado (HASTINGS, 1983).

Um outro exemplo foi o recebimento de informações através de imagens satélites e reconhecimentos com suas aeronaves Canberra operadas a partir da base no Chile (FREEDMAN, 2005). Essas informações permitiram identificar a SMI e as características da

Área de Operações alimentando a fase de observação do Ciclo OODA. Essas informações foram essenciais para a escolha da Baía de San Carlos como local de desembarque, o que permitiu realizar o desembarque (ação) sem resistência em terra.

Apesar de diversas fontes de informação, o UK lançou equipes de operações especiais SAS e SBS para reconhecer o inimigo e seu dispositivo. Essa ação proporcionou entender que o sistema defensivo inimigo estava esperando um ataque de Sul para Norte. Este foi o elemento motivante para lançar o ataque na direção Norte-Sul. Esse reconhecimento também revelou onze aeronaves de ataque ao solo Pucará argentinas, que foram destruídas posteriormente por meio de ações de operações especiais (LANDABURU, 1989).

Na maioria das vezes, o Ciclo OODA britânico rodou mais rápido que o argentino. O Tenente-Coronel Hew Pike relatou que sua maior preocupação foi a vulnerabilidade da esquadra ao ataque aéreo (HASTINGS, 1983). Diante de um ataque bem sucedido dos argentinos que levou ao afundamento da fragata Sheffield, essa ação produziu uma nova situação. Apesar de toda preparação para defesa antiaérea, o evento mostrou que ainda persistia a possibilidade de ataques aéreos argentinos com êxito. Essa observação do UK permitiu decidir com uma rápida resposta. O Comandante da Força Tarefa britânica tomou a ação de afastar da Baía de San Carlos o Navio Aeródromo e o Navio de Apoio Logístico, durante o dia, para inviabilizar ataques argentinos a esses meios (HASTINGS, 1983). A ação atrasou a Força Desembarque, mas garantiu a segurança desses meios. Caso um desses navios fosse afundado, a operação poderia ser comprometida seriamente.

Observamos que o UK teve um impacto inicial por não estar esperando um ataque argentino nas Malvinas. As alianças foram feitas de modo rápido, antes mesmo do início das operações. As informações recebidas foram fundamentais para entender o inimigo, orientar os planejamentos e tomar decisões conectadas com a realidade. Os britânicos realizaram ações

para uma surpreendente mobilização, constituindo uma Força preparada e motivada para combater o inimigo.

Finalizando, observamos que o UK conseguiu reverter a paralisia inicial com alianças e utilizou a inteligência para assessorar a observação e tomar decisões e ações acertadas. O estudo do inimigo permitiu fortalecer seu poder de combate (força) para agir nos fatores de fraqueza do inimigo. Um Oficial britânico chegou a declarar que nunca tinha visto uma tropa tão entusiasmada, motivada e com moral elevado. Procurou proteger e mitigar seus fatores de fraqueza por meio das alianças, conseguindo implementar uma forte inteligência (EUA, Chile e França), logística (Ilha de Ascensão e Chile) e aquisição de armamentos (EUA).

5 CONCLUSÃO

O estudo histórico dos conflitos demonstrou a importância de desenvolver atividades de inteligência e de ter uma força preparada e motivada. A junção desses dois elementos com o Ciclo de Decisão proporcionou agilidade ao processo decisório e forneceu liberdade de ação, idealizada por John Boyd.

Verificamos que o UK realizou parcerias visando minimizar as dificuldades de inteligência e força. A dificuldade de estar a mais de 12.800 Km do objetivo e sem linha comunicação terrestre, demandou um grande esforço.

A realização de acordo com os EUA, no nível estratégico, viabilizou o apoio logístico necessário através da Ilha de Ascensão. Todos os materiais solicitados pelo UK eram disponibilizados pelos estadunidenses tempestivamente, diminuindo as deficiências e aumentando o poder de combate.

O Chile foi o segundo maior parceiro. As grandes distâncias envolvidas foram minimizadas pela possibilidade de pouso de aeronaves britânicas em território chileno. Os objetivos foram infiltrar operações especiais nas fronteiras com a Argentina e utilizar os aeroportos para aeronaves de reconhecimento.

A França possibilitou conhecer as características operacionais das aeronaves inimigas e ajudou inviabilizar aquisição de novas unidades de Exocet pelos argentinos. A utilização desses dados, na fase de planejamento, proporcionou a mobilização de uma força preparada para enfrentar o inimigo.

No campo da inteligência, as parcerias foram essenciais. Inicialmente o UK foi surpreendido com a invasão da Argentina. Não estavam preparados para a HE. As informações dos EUA, Chile e França foram fundamentais para conhecer o inimigo e estruturar seus planejamentos e força. A exploração da inteligência, força e velocidade superior no Ciclo de

Decisão levaram à paralisia do inimigo. Esse sistema gerou uma situação insustentável para o inimigo e o obrigou a rendição.

O uso da inteligência e a grande mobilização de uma força adequada foram os destaques do sucesso do UK. A engrenagem do Ciclo de Produção de Inteligência saiu da inércia, fruto das parcerias realizadas, e começou a rodar acoplado ao ciclo decisório através das fases de disseminação e observação. Esse sistema de duas engrenagens proporcionou a realização dos planejamentos, comparação dos poderes combatentes e adequação da própria força. Desta maneira, viabilizou uma grande mobilização de meios e a estruturação de uma força preparada para enfrentar um determinado inimigo.

Durante o conflito, as diversas fontes de dados e a elevada produção de informação forneceram assessoramentos oportunos para alimentar o processo de decisão. O UK teve uma estrutura que permitiu compreender a realidade com mais velocidade, proporcionando decisões acertadas. Toda vez que o comandante decidiu agir pelo emprego da força, a engrenagem do Ciclo da Força foi acoplada ao Ciclo OODA nas fases do emprego da força e da ação. A união dessas três engrenagens permitiu um ritmo de batalha mais acelerado do que o argentino e possibilitou golpear o adversário no local e hora desejada. As manobras realizadas não podiam ser tempestivamente compreendidas pelo inimigo e o fizeram perder a vontade de lutar.

Raramente, a inteligência argentina produziu informação em tempo oportuno. Mas mesmo quando conseguiu, não possuíam a terceira engrenagem (força preparada e motivada) para implementar uma ação coordenada e contundente. Não desenvolveram a inteligência e a adequação da força para agilizar o Ciclo OODA e sustentar as operações. Restou apenas contar com a sorte.

Assim sendo, acreditamos ter sido possível aplicar as teorias de Keegan e de Boyd para auxiliar na verificação do sucesso ou não da inteligência utilizada nas operações no conflito das Malvinas. A hipótese de que houve aderência a união dos modelos, justificando a vitória

do Reino Unido sobre a Argentina na Guerra das Malvinas pode ser verificada. Entretanto, para sua plena validação, a teoria aqui testada necessitaria ser replicada em outros conflitos, preferencialmente mais atuais.

Observamos que algumas das conclusões podem contribuir com a Marinha do Brasil no fortalecimento de seus processos decisórios.

A intensificação da atividade da Inteligência Operacional e a integração com as demais forças singulares são fundamentais para enriquecer os bancos de dados e estarmos preparados para as mais variadas HE.

Nos tempos modernos, é necessário estar conectado com as ferramentas de busca cada vez mais sofisticadas, como por exemplo, monitoramento via satélite, VANT com equipamentos de gravação e guerra cibernética com foco na informação.

Se faz necessário uma Inteligência Operacional forte e integrada para nortear a adequação da força e, conseqüentemente, estarmos preparados para os desafios, desde a defesa de nosso território até as Operações de Paz, Ajuda Humanitária e Desastres Naturais.

Terminando este estudo, temos que estar prontos para dar respostas rápidas e com informações necessárias para elaborar planejamentos adequados, diminuindo os esforços de busca e assessorando oportunamente os ciclos de decisão.

REFERÊNCIAS

- BOYD, John R. *Patterns of Conflict*. dec. 1986. 193 transparências. Disponível em: <<http://www.ausairpower.net/JRB/poc.pdf>>. Acesso em 28 mar. 2020.
- BRASIL. Marinha do Brasil. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. *CGCFN-0-1: Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais*. Rio de Janeiro, 2013.
- _____. Ministério da Defesa. *MD30-M-01: Manual de Doutrina de Operações Conjuntas*. 1. ed. v. III, Brasília, 2011.
- _____. Ministério da Defesa. *MD35-G-01: Glossário das Forças Armadas*. 5. ed. Brasília, 2015.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of Defense. *JP 2-0: Joint Intelligence*. Virginia, 2013.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p.
- FREEDMAN, Lawrence. *The Official History of the Falklands Campaign: War and Diplomacy*. London and New York: Routledge Taylor & Frands Group, War and Diplomacy, v. II, 2005. 785p.
- FREEDMAN, Lawrence. *La Inteligencia Britanica de Malvinas*. Buenos Aires: Biblioteca Del Congreso de La Nación Argentina, 1990. 70p.
- HASTINGS, Max; JENKINS, Simon. *The Batle for The Falklands*. London: W.W. Norton & Company Ltd, 1983. 357p.
- KEEGAN, John. *Inteligência na Guerra: Conhecimento do Inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LANDABURU, Carlos. *La Guerra de Las Malvinas*. Buenos Aires: Biblioteca Del Oficial, 1989. 688p.
- LIND, William S. *Maneuver Warfare Handbook*. Colorado: Westview Press, 1985.
- MACEDO, Hélio. *A Guerra das Malvinas e as Perspectivas para a Região Sul-Americana*. 2018. 40 f. Dissertação (Conclusão do Curso de Comando e Estado-Maior) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2018.
- NICOLAIDES, Cristino. *Informe Oficial del Ejército Argentino: Desarrollo de los Acontecimientos*, Tomo I. Buenos Aires: Instituto Geográfico Militar, 1983. 177p.

APÊNDICES

Para facilitar a compreensão da junção dos aspectos relevantes de John Keegan com o modelo teórico de John Boyd as figuras constantes nos Apêndices que se seguem foram elaboradas pelo autor, com base nos conteúdos constantes do livro *Inteligência na Guerra* (KEEGAN,2006), do Manual estadunidense *Joint Intelligence 2-0* (EUA, 2013) e Manual de Doutrina de Operações Conjuntas (BRASIL, 2011). Esse procedimento se fez necessário para correlacionar o processo de produção de inteligência de John Keegan com o modelo utilizado no EUA e Brasil.

APÊDICE A

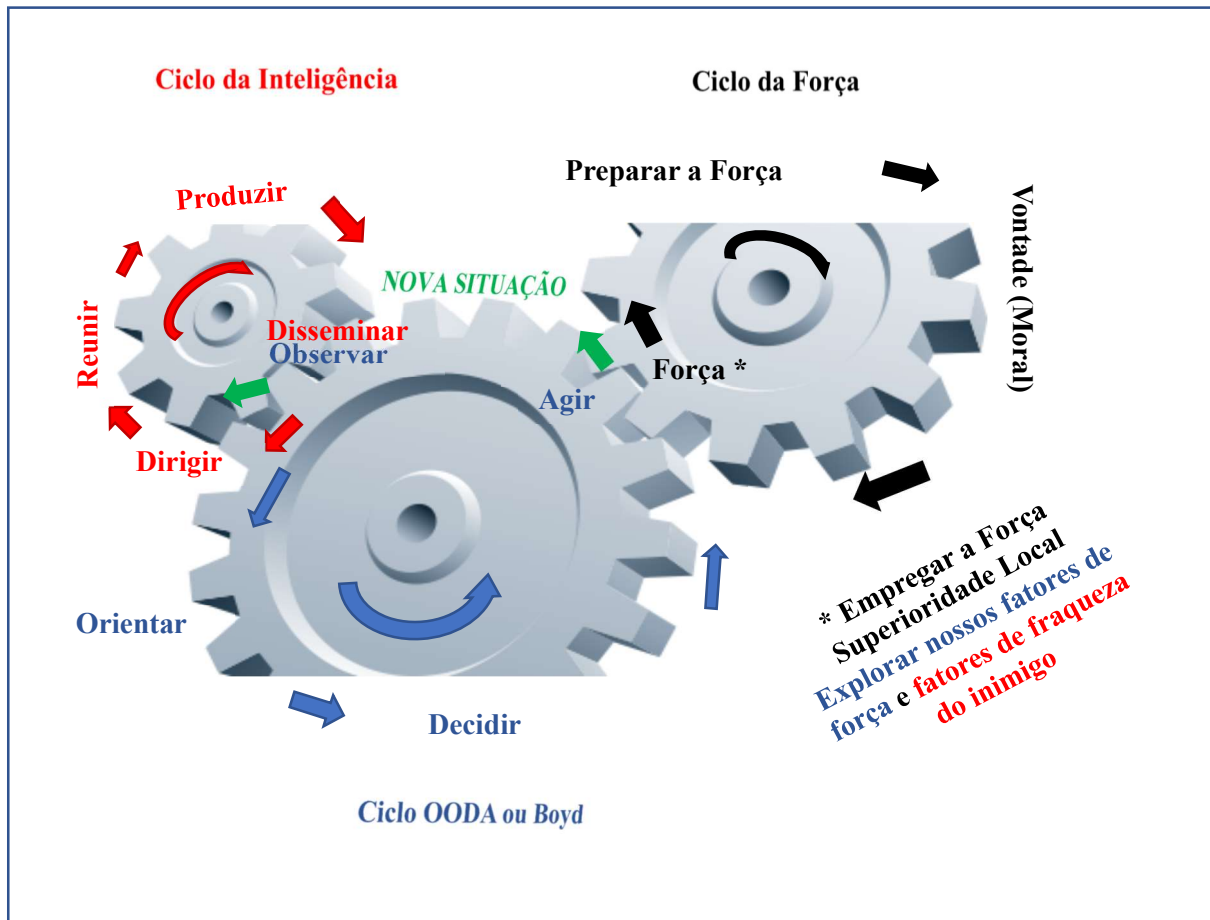


FIGURA 1 – Sistema de Força Inteligente
 Fonte: Elaborado pelo autor

APÊNDICE B

JOHN KEEGAN	JOINT INTELLIGENCE	MD30-M-01	SIGNIFICADO DA ATIVIDADE
AQUISIÇÃO	PLANEJAMENTO E DIREÇÃO	DIREÇÃO	Verificar as necessidades de inteligência e planejar as buscas.
ENTREGA	COLETA	REUNIÃO	Buscar e concentrar os dados organizadamente.
ACEITAÇÃO	PROCESSAMENTO E DIREÇÃO		
INTERPRETAÇÃO	ANÁLISE E PRODUÇÃO	PRODUÇÃO	Analisar e produzir conhecimento.
IMPLEMENTAÇÃO	DIVULGAÇÃO E INTEGRAÇÃO	DISSEMINAÇÃO	Divulgar o conhecimento para assessorar o processo de decisão.

FIGURA 2 – Correlação entre os processos de produção de inteligência

Fonte: Elaborado pelo autor